

Avaliação do uso de psicofármacos por universitários

Evaluation of the use of psychopharmaceuticals by university students

Thaynná Rodrigues Tavares¹, Marla Brenda Pires Coimbra², Caroline Karem de Resende Oliveira², Bárbara Fortunato Bittencourt², Patrícia de Lima Lemos³, Helen Cristina Fávero Lisboa^{4*}

¹Farmacêutica, Residente do Programa de Residência Multidisciplinar em Saúde da Família – PREMSAF, Instituto de Ciências Exatas e Naturais – ICEN, Universidade Federal de Rondonópolis – UFR/MT; ²Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Exatas e Naturais; ³Doutora em Saúde Coletiva e Docente do Curso de Medicina – ICEN, UFR. ⁴Farmacêutica Bioquímica pela UNESP, Mestre e Doutora em Biotecnologia pelo IQ/UNESP, Docente do Curso de Enfermagem, UFR, ICEN

Resumo

Introdução: depressão e ansiedade têm sido observadas entre universitários, sendo apontado como desencadeadores a sobrecarga de tarefas, cobranças pessoais e familiares entre outros fatores que podem resultar na necessidade de uso de psicofármacos. **Objetivo:** avaliar o uso de psicofármacos por universitários. **Metodologia:** estudo transversal, utilizando questionário contendo informações sociodemográficas, econômicas e sobre uso de psicofármacos. Foi realizada análise bivariada com teste qui-quadrado de Pearson para verificar associação entre as variáveis utilização de antidepressivos/ansiolíticos e sociodemográficas e econômicas. **Resultados:** dos 408 entrevistados, 22,3% afirmaram fazer uso de ansiolíticos/antidepressivos, tendo iniciado após o ingresso na universidade e em uso diário. A maioria relata ter alterado a dosagem sem consultar o médico, asseguraram conhecimento sobre os efeitos adversos do medicamento, sabe que a remoção do medicamento deve ser feita de maneira gradual, mas afirmam ter interrompido o tratamento sem consultar o médico. Permaneceram associadas a utilização de psicofármacos, no modelo final, ser do sexo feminino ($p=0,013$), idade maior que 29 anos ($p=0,009$) e possuir plano de saúde ($p=0,020$). **Conclusão:** verificou-se a necessidade de alertar a comunidade acadêmica e gestão sobre a necessidade de acolhimento dos universitários em sofrimento mental e propor ações que visem orientar sobre o uso racional dos psicofármacos.

Palavras-chave: Antidepressivos. Ansiolíticos. Saúde mental. Estudantes.

Abstract

Introduction: depression and anxiety have been observed among university students, with task overload, personal and family demands being pointed out as triggers, among other factors that result in the use of psychotropic drugs. **Objective:** to evaluate the use of psychopharmaceuticals by university students. **Methodology:** cross-sectional study, using a questionnaire containing sociodemographic, economic and psychotropic drug use information. A bivariate analysis was performed with Pearson's chi-square test to verify the association between the variables use of antidepressants/anti-anxiety and sociodemographic and economic variables. **Results:** of the 408 respondents, 22.3% said they used anti-anxiety/antidepressants, having started after entering university and in daily use. The majority report having changed the dosage without consulting the doctor, assured knowledge about the adverse effects of the medication, know that the removal of the medication must be done gradually, but claim to have stopped the treatment without consulting the doctor. The use of psychotropic drugs in the final model, being female ($p=0.013$), older than 29 years ($p=0.009$) and having a health plan ($p=0.020$) remained associated. **Conclusion:** there was a need to alert the academic and management community about the need to welcome university students in mental distress and propose actions that aim to guide the rational use of psychotropic drugs.

Keywords: Antidepressants. Anxiolytics. Mental health. Students.

INTRODUÇÃO

Atualmente os transtornos mentais são considerados um dos principais desafios para a saúde, sendo um prejuízo para os serviços públicos em países desenvolvidos ou em desenvolvimento. No Brasil, estudos mostraram que os transtornos de ansiedade representam as causas principais de anos de vida vividos com incapacidade¹.

A depressão pode ser conceituada como um transtorno de humor crônico caracterizado por sentimento de

tristeza, perda de apetite, dificuldade de concentração, irritabilidade, indisposição entre outros sintomas, que ocasionam consequências negativas na vida do indivíduo e de seus familiares. É definida como um problema de saúde pública, devido ao aumento excessivo de casos em um curto prazo, casos esses, constituídos por um conjunto de sintomas, podendo assim ser considerada como uma síndrome. Tal distúrbio tem sido associado a outros fatores, sendo requisito principal para inúmeras condições como, suicídios, mutilações corporais e autoextermínio². Já a ansiedade é marcada por sintomas como a inquietação, insônia, fadiga e prejuízo na concentração, percepção motora e intelectual, também incidindo de forma negativa na vida do indivíduo³.

Correspondente/Corresponding: *Helen Cristina Fávero Lisboa – End: Rodovia Rondonópolis/Guiratinga Km 06 Bairro Sagrada Família Rondonópolis – MT CEP: 78.735-901 – Fone: (66) 3410-4092 /4093/ 4122 – E-mail: helcrisiq@yahoo.com.br

Estudos apontam elevadas taxas de mortalidade entre jovens, tendo como uma das causas as doenças psicossomáticas, com altas taxas de prevalência de transtornos mentais. Atualmente, estimativas ressaltam que um entre quatro a cinco jovens no mundo apresentam algum transtorno dessa natureza, e no Brasil uma prevalência de 7 a 12,7%⁴, mostrando que o estresse e suas consequências na saúde mental, pode acometer a qualquer pessoa, independentemente da idade.

Quando o foco são os universitários, o estresse e a ansiedade têm sido bastante observados nas diversas áreas de formação. O acúmulo de tarefas, os problemas institucionais, as cobranças pessoais e familiares, as exigências da vida social, os relacionamentos interpessoais entre os alunos, são fatores que podem influenciar diretamente para desenvolvimento do sofrimento mental.

Atualmente os requisitos necessários para iniciar no mercado de trabalho, juntamente com as cobranças dos familiares, trazem aos universitários maior sobrecarga em relação aos objetivos que devem ser alcançados ao longo da sua vida acadêmica e profissional, sempre exigindo cada vez mais competência, habilidades e produtividade. Contudo, tais exigências começam a ultrapassar os limites físicos e mentais, gerando frustrações, desgaste e limitações⁵, um pontapé para a instalação do sofrimento mental e consequente início do uso de psicofármacos.

Diante do exposto, considerando o aumento da prevalência de transtornos mentais entre os universitários, o estudo teve como questão norteadora: existe o uso de psicofármacos pelos universitários? Nesse contexto, o trabalho realizado teve como objetivo avaliar o perfil de uso de psicofármacos por universitários de uma instituição de ensino superior.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo transversal, com componente descritivo e analítico. A coleta de dados aconteceu no período de agosto de 2019 a novembro de 2020 nas dependências da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), utilizando-se um questionário elaborado com perguntas objetivas, contendo informações sociodemográficas, de uso de psicofármacos e sobre a assistência prestada pelas equipes de saúde.

Considerando a Pandemia por COVID-19 instalada em 2020, a coleta de dados foi dividida em dois momentos. Na primeira etapa, antes da pandemia, a coleta de dados foi realizada presencialmente, nas dependências da UFR onde os universitários foram abordados pessoalmente em seu local de estudo, sendo a amostra selecionada por conveniência conforme disponibilidade do estudante no local da pesquisa. Na segunda etapa, durante a pandemia, os dados foram coletados por meio do questionário transcrito para Google Forms, e o link gerado foi enviado ao e-mail dos universitários, os quais foram disponibilizados pelos coordenadores, com a instrução no formulário

digital que, não fosse respondido caso o participante já o tivesse realizado presencialmente.

A população do estudo foi constituída por universitários com idade igual ou superior a 18 anos, que estavam regularmente matriculados no curso e que aceitaram participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos da pesquisa os alunos que não possuíam vínculo com a UFR/CUR, pós-graduandos, alunos ouvinte e especiais e os pesquisadores envolvidos no projeto. Os dados obtidos foram digitados em planilha digital e os resultados apresentados em tabelas e figura, utilizando frequências relativa e absoluta.

Para verificar a associação entre a variável utilização de medicamento antidepressivo e ansiolítico (desfecho) e características sociodemográficas e econômicas (explicativas), foi realizado teste de qui-quadrado de Pearson na análise bivariada e aquelas que apresentaram valor de $p < 0,020$ foram mantidas no modelo múltiplo, mediante análise de regressão logística. As análises foram efetuadas no programa estatístico Stata versão 12.0 (StataCorp LP, College Station, Estados Unidos), com nível de significância de 5%.

A pesquisa foi pautada na Resolução 466/2012, que dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS). As entrevistas foram iniciadas após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondonópolis (CAAE: 96080718.0.0000.8088).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 408 participantes, em sua maioria por pessoas do sexo feminino (71,6%), idade entre 18 e 28 anos (88,7%), estado civil solteiro (82,6%), não possuíam filhos (89,5%), não exerciam atividade profissional remunerada (74,5%), residiam com a família (68,6%), possuía renda familiar entre 1 a 2 salários mínimos (29,4%) e não contavam com plano de saúde (60,5%) (Tabela 1).

A análise bivariada, demonstrou associação entre utilização de psicofármacos e sexo feminino ($p=0,007$), com faixa etária de 29 anos ou mais ($p=0,011$) e possuir plano de saúde ($p=0,002$). Permaneceram independentemente associados na análise múltipla, a utilização dos fármacos e sexo feminino ($p=0,013$), idade igual ou maior que 29 anos ($p=0,009$) e possuir plano de saúde ($p=0,020$) (Tabela 1).

Tais resultados diferem de um estudo realizado com acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Maringá, na qual a análise do uso de medicamentos antidepressivos em relação ao gênero, ao nível de 5% de significância, não estava associado ao gênero ($p=0,344$). Dos 132 homens entrevistados, 7,58% afirmaram fazer uso de medicamentos antidepressivos e das 236 mulheres, 10,59% afirmaram usar algum destes medicamentos⁶.

O maior percentual de mulheres observado em nosso estudo, pode estar relacionado à maioria dos par-

participantes serem dos cursos de Enfermagem e Psicologia (Figura1), nos quais há maior percentual de alunos do sexo feminino. Tal resultado concorda com estudo realizado com universitários da área de saúde de uma instituição privada em um município do Norte de Minas Gerais, em que 70,5% dos participantes eram mulheres⁷.

Outro fator a ser considerado é que as mulheres têm se tornado maioria nas universidades desde o avanço do acesso ao ensino. Dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) demonstram que 55,5% dos matriculados em cursos de graduação presenciais no Brasil são de mulheres, o que reafirma a inserção feminina nas universidades⁸, corroborando com os resultados encontrados na presente pesquisa.

Nesta pesquisa a maioria dos participantes declararam possuir uma renda familiar de até 2 salários mínimos, sendo que destes, 41,1% são usuários de psicofármacos (Tabela 1). É importante salientar que a baixa renda das famílias, pode desencadear preocupações exageradas por parte do estudante, o que também pode interferir no seu desempenho⁵ e contribuir para o desenvolvimento

do sofrimento mental. Associado à condição econômica familiar, ressalta-se que muitos dos cursos acontecem em período integral o que impossibilita o trabalho extra acadêmico e aquisição de renda, um gatilho para as dificuldades financeiras para alguns estudantes. O fator econômico, de grande preocupação, pode gerar agravantes como a redução da capacidade de raciocínio e desempenho acadêmico, com conseqüente sentimento de tristeza, culpa e impotência, caracterizando um quadro depressivo⁹.

Com relação a idade dos participantes, a amostra desse estudo é formada em sua maioria por alunos com idade até 28 anos (88,8%) (Tabela 1). Resultado semelhante ao encontrado em pesquisa realizada com acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Maringá, onde 86,7% dos entrevistados tinham idade até 29 anos⁶, revelando acadêmicos de menor faixa etária. Ambos os resultados corroboram com o descrito em Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das IFES, onde se divulga que em 2018 a maioria dos universitários estava na faixa etária de 20 a 29 anos (66,6%)¹⁰.

Tabela 1 – Análise bivariada e múltipla da utilização de psicofármacos entre acadêmicos da Universidade Federal de Rondonópolis, segundo características sociodemográficas e econômicas, 2019-2020.

Variáveis	Uso de psicofármacos			p-valor*	OR ^a ajustada	p-valor [€]
	Total N(%) = 408	Não (%)	Sim (%)			
Gênero						
Feminino	292(71,6)	73,9	26,1	0,007	2,20	0,013
Masculino	112(27,4)	86,6	13,4			
Outros	4 (1)	100	–			
Idade (em anos)						
18 a 28	362(88,8)	79,6	20,4	0,011	1,90	0,009
29 e mais	46(11,2)	63,1	36,9			
Estado Civil						
Solteiro	337(82,6)	80,8	19,2	0,541	-	-
Casado	52(12,7)	77,7	22,3			
Outro	19(4,7)	68,4	31,6			
Filhos						
Não possui	365(89,5)	77,8	22,2	0,223	-	-
1 filho	23(5,6)	86,9	13,1			
2 filhos ou mais	20(4,9)	65,0	35,0			
Trabalha						
Não	304(74,5)	77,9	22,1	0,957	-	-
Sim	104(25,5)	77,8	22,1			
Possui plano de saúde						
Não	247(60,5)	82,9	17,1	0,002	1,82	0,020
Sim	161(39,5)	69,6	30,4			

Variáveis	Uso de psicofármacos			p-valor*	OR ^{ajustada}	p-valor [†]
	Total N(%) = 408	Não (%)	Sim (%)			
Reside com						
Família	280(68,6)	78,9	21,1	0,500	-	-
Amigos	45(11,0)	71,1	28,9			
Sozinho	83(20,4)	77,1	22,9			
Moradores na mesma residência						
Um	73(17,9)	78,1	21,9	0,069	-	-
Dois	81(19,8)	69,2	30,8			
Três	97(23,8)	83,5	16,5			
Quatro ou mais	157(38,5)	77,5	22,5			
Renda familiar[‡]						
Até 1 salário mínimo	67(16,4)	80,6	19,4	0,069	-	-
Entre 1 e 2 salários mínimos	120(29,4)	78,3	21,7			
Entre 2 e 3 salários mínimos	91(22,3)	84,6	15,4			
Entre 3 e 4 salários mínimos	53(13,0)	77,4	22,6			
Entre 4 ou mais	77(18,9)	66,2	33,8			

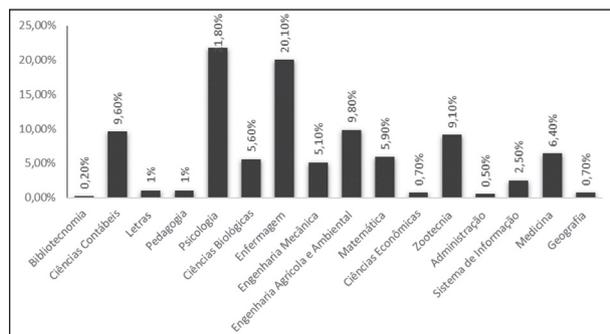
Fontes: dados da pesquisa

* Teste do qui-quadrado de Pearson.

†p-valor ajustado

‡Salário mínimo vigente: R\$1045,00

Figura 1 – Distribuição dos participantes de acordo com o curso de graduação pertencente. Universidade Federal de Rondonópolis, 2019-2020. (N=408)



Fonte: Autoria própria

Dos acadêmicos entrevistados, 91(22,3%) referiram utilizar ansiolíticos e/ou antidepressivos (Tabela 2). Estudos relatam que cerca de 8 a 15% dos estudantes universitários apresenta algum tipo de transtorno psiquiátrico durante sua formação acadêmica, enfatizando os transtornos depressivos e de ansiedade¹¹.

Um estudo semelhante em uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Maringá, encontrou o consumo de antidepressivos entre os acadêmicos em torno de 9,5%¹². Em outra pesquisa, realizada entre alunos do curso de Enfermagem de uma Universidade do Estado de Minas Gerais, evidenciou-se que 26,0% dos entrevistados eram usuários dessa classe de medicamentos².

A vivência na universidade condiciona o estudante a cobranças em seu campo profissional, exigindo além de

eficácia, a capacidade de lidar com situações estressantes, podendo gerar quadros depressivos e de ansiedade. Muitos são os fatores relacionados ao desempenho e saúde mental dos acadêmicos, comprometendo a sua integridade mental, física e social. Dente estes, pode-se citar a ansiedade exagerada pelo início de uma nova etapa, a pressão acerca do sucesso acadêmico e do futuro profissional, exaustivas horas de estudo, falta de tempo para realizar atividades extra universidade, a distância dos familiares para os que mudam de cidade, bem como os novos relacionamentos interpessoais com professores e amigos. Dessa forma, os acadêmicos se tornam suscetível a desenvolver um quadro de sofrimento mental¹².

Um estudo realizado no Nordeste do país revelou que a prevalência dos sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de uma universidade pública federal foi bastante expressiva, com frequência de 62,9% e 30,2% respectivamente¹³. Ressalta-se que os problemas associados à saúde mental dos acadêmicos são frequentes, entretanto poucos aceitam que devem recorrer ao tratamento devido à insegurança ou medo em demonstrar fragilidade diante da sociedade¹⁴.

O estudo revelou a depressão como o principal motivo de uso de psicofármaco (52,7%), semelhante a uma pesquisa realizada com acadêmicos de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil, no qual 75,8% dos graduandos apresentavam algum tipo de depressão. Neste, foram destacados alguns fatores associados, como a insatisfação com o curso, irregularidades no sono, falta de atividades físicas, insatisfação com docentes e colegas de curso, entre outras¹².

Quanto ao profissional responsável pela prescrição, 67,0% referiu obtê-la mediante indicação realizada por psiquiatra. Um percentual de 89,0% faz uso diário, tendo adquirido a medicação através da farmácia privada (89,0%) e iniciado o tratamento após ingresso na universidade (78,0%). A maioria utiliza a medicação por um período de um a cinco anos (37,3%), e não faz uso de outro medicamento além do psicofármaco (57,1%) (Tabela 2).

Alguns estudos evidenciam que o gatilho para desenvolver um quadro de depressão/ansiedade começa no ingresso a universidade, devido as mudanças em relação as metodologias dos estudos aplicados, a carga horária imposta e a grande quantidade de informações para serem assimiladas¹⁵. Diante disso, os acadêmicos estão mais propensos ao sofrimento mental que interferem na qualidade de vida, merecendo maior atenção quando existem suspeitas do quadro e possíveis usos de medicamentos.

Indivíduos com saúde mental comprometida diminuem o rendimento no dia a dia, podendo interferir nos estudos, no trabalho e nos afazeres do cotidiano, nos quais os jovens são considerados especialmente sobrecarregados e desprotegidos, demandando esforços que visem proteção e promoção à saúde. Diante do cotidiano de desenvolvimento e crescimento na universidade, o jovem mostra-se fragilizado por pressões impostas pela nova rotina que requer adaptações e mudanças comportamentais. Nesse contexto, a possibilidade de apresentar estresse e frustrações são maiores, o que muitas vezes tem como consequência a busca pela automedicação e o uso de substâncias psicoativas.

Quando os usuários de antidepressivos e/ou ansiolíticos foram questionados sobre qual é o psicofármaco de utilização, muitos alegaram não lembrar o nome da medicação, no entanto, citaram o nome do que acreditavam ser a classe medicamentosa. Dessa forma, os fármacos foram agrupados por classes, sendo citados os antidepressivos (54,3%), ansiolíticos (16,3%), anticonvulsivantes (16,8%), antipsicóticos (5,1%), Hipnóticos (3,8%), fitoterápicos (2,5%), homeopáticos (0,6%) e psicoestimulantes (0,6%). De acordo com os relatos dos entrevistados, observou-se que alguns acadêmicos fazem o uso de mais de uma medicação, e alguns não possuem conhecimento sobre a real finalidade do medicamento em uso. Independentemente das limitações o uso de antidepressivos prevaleceu. Entre estudantes de enfermagem foi possível observar que a maior parte dos acadêmicos utilizavam algum tipo de antidepressivo (19%)¹⁶, igualmente aos estudantes de medicina (11,4%)¹⁷.

A prescrição de fármacos para tratamento de transtornos mentais deveria ser apenas um auxílio terapêutico, analisando-se primeiramente o risco benefício do uso, levando-se em consideração a possibilidade de manifestações desagradáveis com os efeitos adversos. No entanto, questiona-se se existe uma tendência à prescrição do medicamento como a única solução e se este havia sido prescrito apenas para pessoas em sofrimento mental, ou também com a finalidade de sentir-se melhor,

favorecendo o desempenho nas atividades cotidianas, a capacidade de concentração e memória, e dessa forma o uso inadequado e recorrente, por vezes sem necessidade, contribuindo para a dependência biológica, psicológica e social.

A maioria em nosso estudo relatou fazer uso de terapia como alternativa terapêutica (53,8%) (Tabela 2). Neste contexto, estudos apontam que a psicoterapia associada ao tratamento farmacológico parece ser mais efetiva, sendo esta, capaz de reduzir sintomas de ansiedade/depressão. Portanto, o uso de fármacos como única alternativa de tratamento pode não ser um cuidado otimizado para pacientes com transtornos mentais, devendo estes, serem conscientizados da importância e efetividade da psicoterapia.

Tabela 2 – Caracterização dos acadêmicos segundo utilização de psicofármacos da Universidade Federal de Rondonópolis, 2019-2020.

Variáveis	N= 91	%
Indicação Clínica		
Ansiedade	24	26,4%
Depressão	48	52,7%
Insônia	4	4,4%
TPM	0	0,0%
Outra	15	16,5%
Profissional prescriptor		
Psiquiatra	61	67,0%
Clínico geral	13	14,3%
Neurologista	8	8,8%
Outro	9	9,9%
Frequência do uso		
Diário	81	89,0%
Esporadicamente quando acha necessário	10	11,0%
Início do tratamento		
Antes do ingresso na Universidade	20	22,0%
Após o ingresso na Universidade	71	78,0%
Local de aquisição		
Farmácia da rede pública	6	6,6%
Farmácia Privada	81	89,0%
Outro	4	4,4%
Tempo de Uso		
Menos de 6 meses	30	33,0%
6 meses a 1 ano	27	29,7%
1 a 5 anos	34	37,3%
Utiliza outro medicamento além do ansiolítico/antidepressivo		
Não	52	57,1%
Sim	39	42,9%
Faz algum tratamento alternativo		
Terapia Individual	49	53,8%
Terapia em grupo	1	1,1%
Homeopatia	2	2,2%
Acupuntura	1	1,1%
Fitoterapia	1	1,1%
Outros	37	40,7%

Fonte: dados da pesquisa

Quanto ao conhecimento acerca do psicofármaco em uso, 76,9% afirmaram não ter alterado a dosagem sem consultar o médico e asseguraram conhecer sobre os efeitos adversos do medicamento utilizado (89,0%). Um percentual de 85,7% referiu acreditar que tais fármacos podem causar dependência e saber sobre a possibilidade de tolerância (70,3%). Dentre os usuários dessas classes farmacológicas, 90,1% afirmaram saber que o medicamento, ao final do tratamento, deve ser removido de maneira gradual e 56,0% declararam ter interrompido o tratamento em algum momento sem consultar o médico e não possuem dúvidas em relação ao fármaco ou ao tratamento (83,5%) (Tabela 3).

É válido ressaltar que na presente pesquisa um percentual de 23,1% de acadêmicos relatou ter alterado a dose do medicamento sem consultar o médico, e 56,0%, interrompeu o tratamento sem orientação profissional (Tabela 3). Em estudo semelhante realizado na Faculdade de Medicina Pública Paulista, foi constatado que 27,0% dos acadêmicos aumentaram a dose do medicamento por conta própria e 46,0% interromperam o tratamento sem consultar o médico¹⁸. Dados preocupantes em ambos os estudos, pois neste cenário destaca-se a existência de riscos relacionados ao aumento ou diminuição das doses sem indicação profissional, sendo tais ajustes ou retirada gradual, quando necessária, ser realizada com orientação médica minimizando os riscos à saúde.

Tabela 3 – Distribuição dos acadêmicos de acordo com o conhecimento sobre o psicofármaco em uso, Universidade Federal de Rondonópolis, 2019-2020.

Questões	Sim		Não	
	n	(%)	n	(%)
Já aumentou ou diminuiu a dose sem consultar o médico?	21	23,1%	70	76,9%
Conhece as ações e os efeitos adversos do medicamento que utiliza?	81	89,0%	10	11,0%
Os ansiolíticos/antidepressivos podem causar dependência?	78	85,7%	13	14,3%
Os ansiolíticos/antidepressivos podem causar tolerância?	64	70,3%	27	29,7%
A remoção do medicamento no final do tratamento deve ser feita de maneira gradual?	82	90,1%	9	9,9%
Em algum momento você interrompeu o tratamento sem consultar o médico?	51	56,0%	40	44,0%
Tem dúvidas sobre o tratamento ou sobre o medicamento?	15	16,5%	76	83,5%

Fonte: dados da pesquisa

Quanto a opinião dos universitários sobre a importância da orientação durante o tratamento, 98,9% a consideraram importante, afirmando ter recebido essa orientação (86,8%) a partir do médico prescritor (87,9%). Quando questionados sobre em quais aspectos a orientação pode interferir, prevaleceu com 35,1% o aumento da confiança, da segurança e da efetividade na terapia e a redução de efeitos indesejados e interações com outras drogas (tabela 4).

Embora a maioria tenha considerado importante a orientação (98,9%), um percentual de 13,2% não foi orientado. Ressalta-se que as dúvidas acerca do tratamento podem estar relacionadas à falta de adesão, à interrupção do tratamento ou alterações das doses do fármaco sem indicação médica¹⁸, podendo ainda estar vinculada a falta de iniciativa do paciente em questionar sobre a medicação usada e ao atual modelo biomédico que restringe o tempo para questionamentos durante a consulta¹⁹.

A orientação correta e apoio da equipe de saúde contribuem para a compreensão do tratamento e da evolução clínica. No âmbito acadêmico, um estudo descreve o vínculo com o docente um fator importante que contribui para aumento da confiança, segurança e conhecimento sobre o tratamento farmacológico, mas deve-se destacar também, o papel do profissional de saúde, e de toda a frente aos que utilizam psicofármacos.

Quando questionados sobre a importância dos serviços prestados pela Estratégia da Saúde da Família (ESF) para o tratamento, 68,1% respondeu que sim, no entanto é válido destacar que 31,9% não consideraram importantes estes serviços (Tabela 4) e diante deste resultado ressalta-se que a universidade faz parte da área de abrangência de uma ESF, e dessa forma, tal percentual é um dado que merece maior atenção. A ESF traz como base a integralidade, universalidade, equidade, criação de vínculo, humanização e a continuidade do cuidado. Além disso, possibilita ao indivíduo a forma integral do diagnóstico, tratamento e reabilitação de qualquer condição de saúde sendo de forma individual ou coletiva²⁰.

A educação do usuário é de fundamental importância para não gerar falsas expectativas e favorecer a adesão ao medicamento. Neste sentido deve-se pensar na execução de um plano assistencial com ações de educação em saúde, visando esclarecer dúvidas a respeito do tratamento farmacológico, alertando à possibilidade de riscos e danos à saúde.

Tabela 4 – Distribuição dos acadêmicos que utilizam psicofármacos, conforme a opinião sobre a importância da orientação no tratamento, Universidade Federal de Rondonópolis, 2019-2020.

Variáveis	N= 91	%
Considera a orientação sobre o tratamento importante?		
Não	1	1,1%
Sim	90	98,9%
Você recebeu essa orientação?		
Não	12	13,2%
Sim	79	86,8%
Qual o profissional da saúde o fez?		
Médico prescriptor	80	87,9%
Farmacêutico	4	4,4%
Enfermeiro	1	1,1%
Outro profissional	6	6,6%
Em que aspecto a orientação interfere?		
Aumento da confiança na terapia	31	34,1%
Aumento da segurança na terapia	7	7,7%
Aumento da efetividade na terapia	8	8,8%
Reduz efeitos indesejados	9	9,9%
Reduz interação com outras drogas	4	4,4%
Todos	32	35,1%
Você considera importante os serviços de saúde da sua ESF para o seu tratamento?		
Não	29	31,9%
Sim	82	68,1%

Fonte: dados da pesquisa

Relacionado às limitações deste estudo, considerou-se três situações. A primeira, durante as entrevistas presenciais, onde vários universitários se recusaram a participar, aparentemente por vergonha ou medo de se expor, sugerindo que muitos resultados sobre os usuários de ansiolíticos/antidepressivos deixaram de ser computados nessa pesquisa. A segunda situação considerada limitante, foi em relação à utilização do formulário eletrônico enviado aos alunos por e-mail. Neste caso, apesar de disponibilizado no formulário o contato dos pesquisadores para esclarecimento de dúvidas, isto não ocorreu, podendo algumas das questões terem sido respondidas erroneamente por falta de um adequado entendimento da pergunta. Outra limitação a ser considerada é que não foram enumerados, para os participantes da pesquisa, as marcas ou princípios ativos dos medicamentos, o que pode ter gerado dúvidas em relação à classe do psicofármaco utilizado, podendo ter ocasionado respostas errôneas, o mesmo acontecendo com os participantes que alegaram não lembrar o nome da medicação, mas, citaram o nome do que acreditavam ser a classe medicamentosa.

CONCLUSÃO

O presente estudo proporcionou um olhar mais amplo em relação aos possíveis fatores que podem gerar o sofrimento psíquico entre os universitários, os quais mesmo afirmando ter recebido orientação em relação ao tratamento, são visíveis as falhas que podem estar ocasionando um tratamento não efetivo e a busca por medicamentos como forma de amenizar esse sofrimento.

Diante dos resultados verifica-se a necessidade de estratégias e ações que visem a orientação sobre o uso racional dos psicofármacos, seus riscos e benefícios, a possibilidade das terapias alternativas, além de alertar a comunidade acadêmica e gestão sobre a necessidade de acolhimento dos universitários em sofrimento mental.

REFERÊNCIAS

- BONADIMAN, C. S. C. *et al.* Depressive disorders in Brazil: Results from the Global Burden of Disease Study 2017. *Popul. Health Metr.*, London, v. 18, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12963-020-00204-5>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- TELLES FILHO, P. C. P.; JÚNIOR, A. D. C. P. Antidepressivos: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, [s.l.], v.3, n.3, p.829-836, set-dez. 2013.
- FERNANDES, M. A. *et al.* Transtornos de ansiedade: vivências de usuários de um ambulatório especializado em saúde mental anxiety disorders: experiences of users of a specialized mental health outpatient service. *Rev. enferm. UFPE on line*, Recife, v. 11, n. 10, p.3836-3844, out. 2017.
- PATEL, V. *et al.* Mental health of young people: a global public-health challenge. *Lancet*, London, v.369, n.9569, p.1302-1313, Apr.2007.
- SANTANA, L. de L. *et al.* Estresse no cotidiano de graduandos de enfermagem de um instituto federal de ensino. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, [s.l.], v. 8, n.10, p. 1-11, set. 2018.
- SCOLARO, L. L.; BASTIANI, D.; CAMPESATO-MELLA, E. A. Avaliação do uso de antidepressivos por estudantes de uma instituição de ensino superior. *Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 14, n. 3, p. 189-196, set./dez. 2010.
- LELIS, K. de C. G. *et al.* Sintomas de depressão, ansiedade e uso de medicamentos em universitários. *Rev. Port. Enferm. Saúde Mental*, Porto, n. 23, p. 9-14, jun. 2020.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Superior [Internet] 2018*: notas estatísticas. Brasília: INEP, 2019.
- AMADUCCI, C. M. *et al.* Fadiga entre estudantes de graduação em enfermagem. *Rev. da Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 1052-1058, 2010.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES, 5., 2019, Uberlândia. *Anais [...] Uberlândia*: Fonaprace, 2019. 156 p.
- CAVESTRO, J. M.; ROCHA, F. L. Depression prevalence among university students. *J. Bras. Psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 4, p. 264-267, 2006.
- LEÃO, A. *et al.* Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande

- centro urbano do Nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Educ. Méd.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 55-65, 2018.
13. ASTRÉS, M. F. *et al.* Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários de uma instituição pública. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 5, p. 2169-2175, 2018.
14. VASCONCELOS, T. *et al.* Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Rev. Bras. Educ. Méd.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 135-142, jan./mar. 2015.
15. AQUINO, D. *et al.* Sintomas de depressão em universitários de medicina. **Bol. Acad. Paul. Psicol.**, [s.l.], v. 39, n. 96, p. 81-95, jun. 2019.
16. ISTILLI, P. T. *et al.* Antidepressants: knowledge and use among nursing students. **Rev. Lat. Am. Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 421-428, jun. 2010.
17. RIBEIRO, A. G. *et al.* Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciênc. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1825-1833, jun. 2014.
18. MARCHI, K. C. *et al.* Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Rev. Eletrônica Enferm.**, Goiania, v. 15, n. 3, eet. 2013.
19. RIBEIRO, A. G. *et al.* Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciênc. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro v. 19, n. 6, p. 1825-1833, jun. 2014.
20. PEREIRA, R. M. P.; AMORIM, F. F.; GONDIM, M. de F. de N. A percepção e a prática dos profissionais da Atenção Primária à Saúde sobre a Saúde Mental. **Interface Comum. Saúde Educ.**, Botucatu, v. 24, supl. 1, p. 1-17, 2020.

Submetido em: 12/03/2021

Aceito em: 27/07/2021